

CONJUNTURA

Mercado não acredita em calote oficial

Agentes dizem que falta credibilidade ao governo, mas ninguém o considera capaz de tomar medidas drásticas contra a dívida

FERNANDO PESCIOTTA

Economistas e especialistas do mercado financeiro reconhecem que falta ao governo credibilidade para negociar a dívida pública, mas nem por isso imaginam a possibilidade de calote. Segundo eles, o principal da dívida interna está crescendo desde a adoção da política monetarista do ex-ministro da Economia Márcilio Marques Moreira, mas mantém-se, ainda, em níveis aceitáveis e "contornáveis".

A falta de credibilidade, lembram, faz com que o governo remunere cada vez mais os recursos que coleta no mercado financeiro diariamente. Ou seja, as altas taxas de juros, e prazos curtos, são a forma encontrada pelo Estado para conseguir recursos rolar sua dívida. "Somente demonstrando credibilidade, provando que não emitirá pacotes, não fará congelamentos ou prefixações o governo conseguirá bons resultados", afirma Sidelval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas

de São Paulo.

O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Álvaro Augusto Vidigal, concorda. Segundo ele, uma medida prática poderia ser a edição de uma lei proibindo o calote e os juros "tão elevados". "O ideal seria termos leis garantindo a manutenção das regras do mercado." Explica que as expectativas criadas no meio financeiro "afinal sempre se confirmam porque todos se antecipam e acabam por provocá-las."

Confiança — Para conquistar credibilidade, o governo, na opinião dos especialistas, deve buscar o alongamento da dívida, manter um indexador como referência aos investidores e administrar melhor seu caixa. Essas medidas, entendem, são fundamentais: ao adotá-las, o governo obtém maior confiança dos agentes do mercado financeiro.

"O simples alongamento dos prazos mostraria que não há congelamentos ou outras medidas drásticas", conclui Aroni.